



A ANTROPOFAGIA COMO PARADIGMA CULTURAL BRASILEIRO

Luiz Gustavo Bersouza¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

RESUMO

A Antropofagia de Oswald de Andrade extrapolou os limites da literatura, alcançando amplamente outras formas de expressão artística. O presente artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica teórico-qualitativa, procura mostrar como o conceito antropofágico permanece até os dias de hoje nas mais diversas manifestações culturais, quase cem anos após a publicação do *Manifesto antropófago*, em 1928. Ao analisar o discurso presente nesse *corpus* conceitual em interlocução com uma base teórica selecionada, conclui-se que a simbologia antropofágica - baseada fundamentalmente no princípio de assimilação - se constitui como o próprio arquétipo da “alma brasileira”, o que justifica sua notada apropriação criativa ao longo de tantas décadas.

Palavras-chave: Antropofagia. Oswald de Andrade. Modernismo brasileiro. Brasilidade. Vanguardas artísticas.

ABSTRACT

Oswald de Andrade's Anthropophagy transcended the confines of literature, broadly encompassing other forms of artistic expression. This article, through theoretical-qualitative bibliographic research, seeks to demonstrate how the concept of anthropophagy persists to this day in a wide range of cultural manifestations, almost one hundred years after the publication of the *Anthropophagic Manifesto* in 1928. By analyzing the discourse present in this conceptual corpus in dialogue with a selected theoretical framework, we conclude that anthropophagic symbolism—fundamentally based on the principle of assimilation—constitutes the very archetype of the “Brazilian soul”, justifying its notable creative appropriation over so many decades.

Keywords: Anthropophagy. Oswald de Andrade. Brazilian modernism. Brazilianness. Artistic vanguards.

INTRODUÇÃO

A vida curta do denominado Movimento Antropofágico (1928-1929) é inversamente proporcional à sua longevidade no campo das ideias, evidenciando que a força simbólica de afirmação da brasilidade não arrefeceu ao longo de inúmeras gerações da vida cultural brasileira.

Conduzido pelo escritor Oswald de Andrade (1890-1954), o movimento mobilizou inúmeros intelectuais e artistas associados ao recém-inaugurado programa modernista, com destaque para Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald Costa, Raul Bopp, Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Antônio de Alcântara Machado. A Antropofagia, pode-se dizer, caracteriza o “momento final da dialética do nosso Modernismo, enquanto movimento arregimentado” (Nunes, 1979, p. 36-37).

¹ Mestre em História (área de concentração: História e Sociedade) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atua como professor do ensino básico. E-mail: bersouza77@gmail.com



De fato, a elite intelectual oficialmente apresentada na Semana de Arte Moderna de 1922 trazia como missão imediata o embate ao “passadismo”, representado pelos escritores parnasianos, confrontado pelas vias da renovação estética inspirada nas vanguardas artísticas europeias. Nessa esteira, o tema do homem primitivo passa a ser central como forma de invenção de uma nacionalidade pautada na mentalidade original e exótica do autóctone, em contraponto às novidades tecnológicas que em ritmo acelerado cada vez mais fragmentavam a sensibilidade humana (Belluzzo, 1990). Era preciso dar sentido ao *ser* nacional e, paradoxalmente, foram as sugestões vanguardistas europeias que serviram de norte para a arte local.

Portanto, não foi obra do acaso a influência exercida pelo poeta franco-suíço Blaise Cendrars (1887-1961) no grupo modernista, retratada na famosa viagem de “descoberta” do Brasil em 1924, ensejo para uma espécie de revisitação do *ser* nacional, especialmente consumada nas excursões da caravana ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (Amaral, 1970).

Na sequência, Oswald lançaria o livro de poemas *Pau-brasil*, assim como o *Manifesto pau-brasil*, ambos motivados por esse olhar em direção às raízes da formação brasileira. Aqui é importante chamar a atenção para o fato de que no interior do próprio movimento modernista havia uma corrente, chamada de Movimento Verde-Amarelo (depois denominado Escola da Anta), que, embora se apropriando dos mesmos motivos indígenas do grupo conduzido por Oswald, representava um contraponto de nítida cor conservadora.²

O Movimento Antropofágico nasce oficialmente com a *Revista de Antropofagia*, que teve duas fases (ou duas “dentições” conforme a terminologia do grupo). A primeira durou de maio de 1928 a fevereiro de 1929, num total de dez números editados mensalmente em oito páginas. A segunda ocupou um suplemento de uma página no jornal *Diário de São Paulo*, de março a agosto de 1929, num total de dezesseis números. No primeiro número da revista é publicado o célebre *Manifesto antropófago*, mas o tom mordaz desse texto, com algumas exceções, não prevalece na primeira fase. De outro modo, o segundo período é integralmente transgressor na forma comunicativa, abusando de linguagem descontínua e simultânea, textos doutrinários, notas curtas, poemas-piada, citações, chistes, anúncios, tudo funcionando como uma espécie de contrajornal dentro do jornal, orientado pela paródia e a sátira.

Em 1929, o movimento é dissipado juntamente com o fim da revista, e Oswald se filia ao PCB, iniciando uma trajetória artística voltada para a transformação social sob a ótica de uma orientação marxista, relegando seu passado de “sarampão antropofágico”³ a um segundo plano. Enfim, após quinze anos de engajamento e decepção com os direcionamentos do PCB, ele decide se desligar do partido. A partir daí e até o final da vida, a Antropofagia volta à cena de sua

² Os principais participantes foram Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Motta Filho. Logo em seguida, em 1932, Plínio Salgado criaria a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento ultranacionalista de teor fascista. Ademais, sabe-se que a figura do indígena teve marcante presença na primeira fase do romantismo literário brasileiro em meados do século XIX, representada sobretudo por Gonçalves Dias e José de Alencar, duramente criticados por parte da geração modernista, que enxergava (com razão) a representação romântica do autóctone brasileiro como demasiadamente idealizada, assunto, aliás, já bastante trabalhado em pesquisas acadêmicas há décadas.

³ “O Movimento Modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas? [...] eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária” (Andrade, 1992, p. 38-39).



produção, dessa vez filtrada sob um viés utópico e filosófico, num esforço de dar consistência sistemática ao tema abordado de forma anárquica no final dos anos 20. Nesse momento, Oswald é o antropófago solitário, sem os antigos parceiros, investindo na elaboração de artigos, crônicas e teses de viés filosófico.

1 MUITO ALÉM DA LITERATURA

Embora surgida nos círculos literários, a Antropofagia - cujo ponto nevrálgico é o princípio de assimilação - transbordou para outras paragens, figurando como um verdadeiro epítome da própria brasilidade. Sua vocação é justamente a capacidade dialógica, tanto como crítica sociológica e especulação filosófica quanto como inspiração para outras artes (música, teatro e cinema), constituindo-se como um verdadeiro paradigma da “alma nacional”.

Conforme ressalta Nunes (1979, p. 34-37), o antropofagismo, onde “tudo é contraditório, e tudo é significativo por ser contraditório” é válido como “ensaio de crítica virulenta, que atinge, ao mesmo tempo, visando à desmistificação da história escrita, à sociedade patriarcal e à cultura intelectual a que esta deu nascimento”.

2 A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Na *Revista de Antropofagia*, a tônica é a polêmica, com uma profusão de colagens, editais ferinos e notas cômicas. Essencialmente, a crítica é direcionada à formação de nossa nacionalidade engendrada pela moral católica de orientação jesuítica. Em contraposição, tem-se a apologia aos povos originários, particularmente os indígenas antropófagos, como os tupinambás, que devoravam seus inimigos não com o objetivo de saciedade, mas como parte do ritual de absorção das virtudes dos aprisionados.

“Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (Andrade, 1976, p. 6): essa é apenas uma das sentenças contidas no manifesto⁴ publicado já no primeiro número da 1ª dentição do periódico, acentuando o que estaria por vir. Ainda na estreia, destaca-se o texto a *A descida antropófaga*, de Oswaldo Costa: “O homem (falo do homem europeu, cruz credo!) anda buscando o homem fora do homem. E de lanterna na mão: filosofia. Nós queremos o homem sem a dúvida: nu, natural, antropófago. Quatro séculos de carne de vaca! Que horror!” (Costa, 1976, p. 8).

Os nove números subsequentes da 1ª dentição de maneira geral não acompanham a paleta panfletária do texto inaugural. É em sua 2ª dentição que a revista vai levar às últimas consequências tanto o estilo telegráfico de comunicação quanto a intenção de crítica sarcástica. A coluna *De antropofagia*, espécie de editorial, é destaque nessa fase, repleta de tiradas cômicas, como a assinada por Japy-Mirim (Oswald de Andrade) no primeiro número:

A humanidade nunca deixou de agir antropofagicamente. Conquista espiritual a cacete. [...] a justiça do tacape. Pau na cabeça. Você comeu o meu irmão, agora quem te come sou eu. E a alegria de constatar. Lá vem minha comida pulando! Mas já dizia o nosso avô Cunhambebe, comendo gostoso a perna de um português:

⁴ Que encerrava com a humorística demarcação temporal (também amplamente utilizada no fechamento de alguns textos da revista): “Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha” - a saber, referência ao bispo que supostamente teria sido deglutido pelos caetés, em 1556, no atual estado de Alagoas.



Jaúra ichê. Pois dizemos também, nós, seus netos: Não amolem. É muito bom (Japy-Mirim [Andrade], 1976, n.p.).

O excerto alude a Hans Staden, artilheiro alemão capturado pelos tupinambás e que após milagrosamente safar-se de ser servido em um banquete antropofágico, relatou em livro sua dramática experiência como cativo dos indígenas. Dessa narrativa, os antropófagos literários recorrentemente usavam como mote as frases: “Lá vem nossa comida pulando” e “Não amole: está gostoso”.⁵

A crítica antropofágica é uma crítica ao modelo civilizacional moldado pelos recalcamientos originados da doutrinação católico-jesuítica. No texto intitulado *Guerra*, no quarto número, o mesmo Japy-Mirim sentencia:

Nós somos da fuzarca. Aceitamos a guerra, Queremos a guerra. [...] Contra a moral convencional, moral nenhuma. O problema do europeu desesperado é não sofrer. O nosso é gozar. Ganhamos longe. Sabemos que a Igreja é um instrumento de dominação política, e nada mais” (Japy-Mirim [Andrade], 1976, n.p.).

Conforme a reflexão de Almeida (2002, p. 124-125), a anti-hierarquização é a “expressão mais impactante da antropofagia”, pois ela subverte as concepções de evolução e progresso de ordem determinista, que desaguardam na ideia de “assimilação ‘hierárquica’ do outro”. Na contracorrente, a visão antropofágica propõe uma “nova compreensão do movimento da História, um movimento que atravessa o fluxo evolutivo e retorna ao princípio”. Oswaldo Costa, no nono número da publicação, corrobora esse retorno ao princípio, ou em suas palavras, essa “descida antropofágica”:

A nossa justiça é o tacape. O nosso troféu de guerra é o crânio do inimigo. A posse contra a propriedade. Nenhuma convenção social. [...] Só o selvagem nos salvará. Essa força profunda que sentimos e que cumpre conservar, lutando sempre, é dele, nos veio dele. A catequese não tirou o índio do mato. Ele ficou na floresta e dela só agora saiu para a vitoriosa descida antropofágica. A antropofagia nada tem que ver com o romantismo indianista. Ao índio filho de Maria, ao índio irmão do Santíssimo, ao índio degradado pela catequese, de que nos fala Couto de Magalhães, opomos o canibal que devorou o catecismo e disse para Hans Staden que não amolasse, porque era gostoso. O índio nu (Costa, 1976, n.p.).

Além de Hans Staden, os textos da revista referenciavam com frequência outros autores, com destaque para Thomas Morus, Rousseau, Montaigne, Nietzsche, Bachofen, Marx, Erasmo, Campanella, Engels e Freud, todos colocados no panteão de pensadores formadores do “arcabouço teórico” da Antropofagia. De Freud, por exemplo, o conceito de *totem* e *tabu* é fartamente utilizado por meio da fórmula “transformar o tabu em totem”, ou seja, transmutar o que é valor desfavorável

⁵ De acordo com o relato de Staden (1974, p. 100;132), depois de ser capturado e ter as pernas amarradas em três lugares, enquanto saltava pela choça os indígenas riam e exclamavam: “Aí vem pulando o nosso manjar!”. Depois, ao adentrar na taba do cacique Cunhambebe, avistá-lo comendo uma perna humana (de um português morto horas antes) e, ato contínuo, repreendê-lo, obteve a seguinte resposta do chefe tupinambá: “Sou um jaguar, está gostoso!”.



em valor favorável, como professa Andrade (1976, n.p.), no nono número da 2ª dentição: “toda ação humana não passa da transformação do **Tabu** em **Totem** - ideia central da antropofagia. [...] Razão única, drama único, sem pecado, sem **cache-sexe**.”

Quando Oswald retoma as ideias antropofágicas a partir de 1945, tais autores continuarão a marcar presença em seus escritos, dessa vez abordados com uma pretensão, por assim dizer, mais analítica.

3 A ESPECULAÇÃO FILOSÓFICA

Com a debandada do grupo antropofágico em fins de 1929, Oswald, agora assumindo-se como uma espécie de intelectual orgânico nos moldes marxianos, passa a se dedicar à ficção: no romance, publica *Serafim Ponte Grande* (1933) e *Marco zero* em dois volumes: *A revolução melancólica* (1943) e *(Chão)*, de 1945; no teatro, lança três peças: *O homem e o cavalo* (1934), *O rei da vela* (1937) e *A morta* (1937), além de fundar com Patrícia Galvão (Pagu, sua esposa à época) o tabloide político *O homem do povo* (1931).

Ao abandonar a militância, em 1945, o escritor paulista retoma o tema da Antropofagia - dessa vez sem um grupo organizado - revendo as ideias do movimento sob o filtro do pensamento filosófico. Os textos-pilares dessa abordagem são *A crise da filosofia messiânica* (1950) e *A marcha das utopias* (1953).

Longe do tom burlesco dos anos anteriores, os escritos dessa fase são tentativas de sistematização acadêmica. Para ele (Andrade, 1990a, p. 103), a “formulação essencial do homem como problema e como realidade” seria a seguinte: “1º termo: tese - o homem natural / 2º termo: antítese - o homem civilizado / 3º termo: síntese - o homem natural civilizado.”

Suas considerações voltam-se para a oposição do que ele chama de sociedade matriarcal e sociedade Patriarcal:

No mundo do homem primitivo que foi o Matriarcado, a sociedade ainda não se dividia em classes. [...] Quando se instaurou o Estado de classes, como consequência da revolução patriarcal, uma classe se apoderara do poder e dirigia as outras. [...] A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo (Andrade, 1990a, p. 106).

Para Coutinho e Maciel (2019, p. 78), quando Oswald de Andrade historiciza o messianismo, ele se revela “de soslaio como um pensador movido por um pensamento anarco-comunista, que o conduziu à apropriação crítica de algumas teses marx-engelsianas.” O poeta modernista, de fato, não escondia suas aspirações utópicas ao resumir sua tese:

- 1º) Que o mundo se divide na sua longa História em: Matriarcado e patriarcado.
- 2º) Que correspondendo a esses hemisférios antagônicos existem: uma cultura antropofágica e uma cultura messiânica.
- 3º) Que esta, dialeticamente, está sendo substituída pela primeira, como síntese ou 3º termo, acrescentada das conquistas técnicas.
- 4º) Que um novo Matriarcado se anuncia com suas formas de expressão a realidade social, que são: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo e o Estado sem classes, ou a ausência de Estado.



5º) Que a fase atual do progresso humano prenuncia o que Aristóteles procurava exprimir dizendo que, quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceria o escravo (Andrade, 1990a, p. 146).

O processo de conquista do “homem natural tecnizado” seria a redenção antropofágica dentro do ciclo das utopias que, a seu juízo, começou com a chegada europeia à América, “evento que trouxe consigo o desvelamento de um novo horizonte de possibilidades de organização social, política, cultural e metafísica com a qual o continente europeu sequer sonhava” (Castro, 2023, p. 350). Com a utopia antropofágica, entende-se que “o homem que não é daqui, só se tornou homem exatamente, pelo que encontrou aqui. [...] As Utopias foram as caravelas ideológicas desse novo achado - o homem como é, simples e natural” (Andrade, 1990a, p. 200). Neste mesmo raciocínio:

As descobertas, e sobretudo a descoberta do homem primitivo, foram o que de fato pôs fim à estabilidade do orbe antigo e a seus quadros intelectuais, sociais, econômicos e políticos. O aparecimento do homem natural [...] trazia uma convulsão de consequências tremendas para as ideias da época. Seria como, se nos nossos dias, surgisse na terra um grupo de habitantes de Marte (Andrade, 1992, p. 251-252).

Sob a ótica de uma “filosofia antropofágica”, as teorias de Freud reaparecem nos escritos oswaldianos, mais uma vez retrabalhadas de forma inusitada, tal qual a abordagem do Complexo de Édipo como se segue:

A psicanálise custou a compreender que era preciso atacar o Superego paternalista. Durante muito tempo as soluções apresentadas pela escola de Freud não viram senão remédios negativos do Eu (recalque, regressão, anulação e isolamento) como nas formas masoquistas (volta contra si mesmo, transformação do contrário) a maneira de liquidar os conflitos internos do homem histórico. [...] Numa sociedade onde a figura do pai se tenha substituído pela sociedade tudo tende a mudar. Desaparece a hostilidade contra o pai individual que traz em si a marca natural do arbítrio. No matriarcado é o senso do Superego tribal que se instala na formação da adolescência (Andrade, 1990a, p. 142-143).

Até os seus últimos dias, Oswald conservou o elã pela causa antropofágica, denotando - para além da trajetória errática - a continuidade entre seu pensamento pretérito e presente. Sintomático, nesse sentido, é a entrevista concedida seis meses antes de sua morte⁶, em que reafirma sua profissão de fé na Antropofagia. Ao ser perguntado o que faria se tivesse de deixar um testamento literário, responde: “Chamando a atenção das gerações a vir para a filosofia do homem primitivo. A antropofagia é o meu fraco. Esse rito dá a medida duma concepção devorativa da vida” (Andrade, 1990b, p. 227).

4 A INSPIRAÇÃO PARA OUTRAS ARTES

No final de sua vida, Oswald nem de longe contava com o reconhecimento dispensado, por exemplo, ao seu amigo Mário de Andrade. Foi justamente em meados dos anos 50 que se iniciou

⁶ Transcrita no *Diário Carioca*, em 17/04/1954.



um processo de revisitação de sua obra, empreendido fundamentalmente pelos escritores do grupo Noigandres, dentre os quais Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, idealizadores do Movimento da Poesia Concreta. Com efeito, embora o foco do grupo concretista fosse as inovações estéticas da poesia e prosa oswaldianas, é “a partir da antropofagia que a poesia concreta inclui seu outro (caos, destruição, anarquia)” (Chaves, 2019, p. 54) em sua orientação programática.

É a partir da segunda metade dos anos 60 que a Antropofagia, definitivamente, vai extrapolar suas fronteiras verbais e alcançar outras formas de expressão.⁷ Em 1967, o artista plástico Hélio Oiticica inaugura a obra *Tropicália*, uma instalação labiríntica penetrável que possibilitava ao público diversas experiências sensoriais e lúdicas. De acordo com o próprio artista (2006, p. 155), no texto introdutório da exposição, Oswald havia chegado à “célebre conclusão do que seria nossa cultura antropofágica, ou seja, redução imediata de todas as influências externas a modelos nacionais.”

Ainda em 1967, o Teatro Oficina apresenta *O rei da vela*, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa, peça publicada pelo escritor paulista em 1937. A montagem funda uma nova dramaturgia no país, “um teatro concebido segundo os princípios do modernismo”, em que “a paródia substitui a ficção construtiva” (Magaldi *apud* Klafke, 2017, p. 7-8). Em entrevista concedida em 1990, portanto, no centenário de nascimento de Oswald de Andrade, o criador teatral avalia:

Oswald de Andrade escancara, rompe, absorve. Ele faz este trabalho no campo da literatura, da poesia, do teatro escrito e na própria vida. [...] Se aconteceu uma pessoa no Brasil chamada Oswald de Andrade, é porque temos um potencial capaz de gerar este tipo de antena” (Corrêa, 1990, p. 4-5).

Na música, Caetano Veloso e Gilberto Gil concebem o Tropicalismo, grupo que contou com Gal Costa, Tom Zé, Os Mutantes, Rogério Duprat, Capinam e Torquato Neto como participantes, em 1968, do álbum *Tropicália ou Panis et Circenses*, que inauguraria o movimento, indicando a filiação imediata à criação de Oiticica e, por extensão, à Antropofagia oswaldiana. Como os modernistas literários dos anos 20, os tropicalistas propunham a renovação estética, apropriando-se de tendências estrangeiras, mas mixando-as às cores nacionais: “O Tropicalismo é um neoantropofagismo” (Campos, 1968, p. 195), como Caetano Veloso afirmou à época.

Quanto ao cinema, houve no Brasil um fluxo de produções em que a *carnavalização* representa o

procedimento básico para atravessar contextos tão diversos quanto fazer a ponte do Tropicalismo com o Modernismo, a Antropofagia, o cinema novo, o cinema marginal. Carnavalização, como pensada por Bakhtin, mas também por Oswald de Andrade e pelo próprio tropicalismo como forma de ultrapassar o carnaval como fenômeno histórico ou sociológico. O carnaval como método (Bentes, 2022, n.p.).

No que tange mais especificamente à referência antropofágica, destacam-se *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade; *Pindorama* (1910), de Arnaldo Jabor; *Como era gostoso o meu francês* (1971), de Nelson Pereira dos Santos; *O homem do pau-brasil* (1981), de Joaquim Pedro de Andrade e *O rei da vela* (1982), de José Celso Martinez Corrêa e Noilton Nunes.

⁷ Importante destacar que a obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, foi o símbolo pictórico do movimento nos anos de 1920.



Por fim, evoquemos a 24ª Bienal de São Paulo - *Arte contemporânea brasileira: Um e/entre Outros/s*, de 1998, tida como uma das melhores realizações do evento. Conhecida como a “Bienal da Antropofagia”, teve como inspiração justamente o *Manifesto antropófago*, que completava setenta anos na ocasião. De acordo com seu curador-geral, Paulo Herkenhoff, tomando o conceito de antropofagia como elemento formador da identidade cultural brasileira, a ideia era que a exposição “tivesse um ponto de partida traçado a partir da cultura brasileira, mas entendendo que a nossa cultura é filiada à cultura ocidental, mas com tensões, diferenças e singularidades” (Alambert; Canhête, 2004, p. 206).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascida no círculo literário modernista, a Antropofagia, indubitavelmente, não poderia ter como destino uma filiação exclusiva às letras. Enfim, muito mais do que uma orientação estética, ela aponta para uma conceituação interpretativa e criativa da brasilidade - força paradigmática equalizada na dialética nacional/universal -, em que se realiza a devoração crítica do “bom selvagem”, desconstruindo-o sob a perspectiva da função negativa do “mau selvagem” (Campos, 2013).

Sua capilaridade e permanência se justificam porquanto respondem aos anseios profundos relacionados à identidade e singularidade do Brasil. De quando em quando, aqui e ali encontramos na intersecção com a música, as artes plásticas, o teatro, a literatura, o cinema (e mesmo no espectro da filosofia, da história, da sociologia, da filosofia e da psicologia). O conceito segue mais vivo do que nunca. Afinal de contas, a deglutição antropofágica é, mais do que tudo, uma questão que envolve o âmago de nossa própria existência como nação.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, F; CANHÊTE, P. **As Bienais de São Paulo da era do Museu à era dos curadores (1951-2001)**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ALMEIDA, M. C. F. “Só a antropofagia nos une”. In: MATO, Daniel (comp.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002, p. 121-131.

AMARAL, Aracy. **Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas**. São Paulo: Martins Editora, 1970.

ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990a.

ANDRADE, Oswald. **Os dentes do dragão**: entrevistas. São Paulo: Globo, 1990b.

ANDRADE, Oswald. **Serafim Ponte Grande**. São Paulo: Globo, 1992.

BELLUZZO, A. M. de M. Os surtos modernistas. In: BELLUZZO, A. M. de M. (org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: memorial, UNESP, 1990. p. 12-29.

BENTES, Ivana. Trópico pelo avesso. Antropofagia, carnavalização e a relação do cinema brasileiro com o Modernismo. **Revista Ciência e Cultura**, v. 74, n. 2, n.p., 2022. Disponível em: <https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=tropico-pelo-avesso>. Visto em: 12 ag. 2025.



CAMPOS, Augusto. **Balanço da bossa** (antologia crítica da moderna música brasileira). São Paulo: Perspectiva, 1968.

CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASTRO, D. C. Oswald de Andrade: entre o messianismo e a utopia. **Das Questões**, v. 17, n. 1, p. 345-361, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/51463>. Visto em: 14 ago. 2025.

CHAVES, R. S. Releituras de Oswald de Andrade: o movimento da poesia concreta e a antropofagia. **Em Tempos de História**, [S.l], v. 1, n. 33, p. 47-63, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/23552>. Visto em: 28 ago. 2025.

CORRÊA, J. C. M. José Celso Martinez Corrêa: reexistir é preciso. [Entrevista concedida a Sábado Magaldi e Perla D. Melcherts]. **Nicolau**, Curitiba, v. 35, p. 4-6, 1990.

COUTINHO, D. P. R.; MACIEL, J. C.; BENITES, P. Um exercício de descolonização da hipótese do Matriarcado na utopia Oswaldiana. **Revista Investigações**, Recife, V. 32, n. 1, p. 68 – 79, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/240806>. Acesso em: 14 ago. 2025.

KLAFKE, M. F. O rei da vela: o “aqui e agora” do Teatro Oficina durante a ditadura brasileira. **Dramaturgia em foco**, Petrolina, v. 1, n. 1, p. 125-144, 2017. disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/dramaturgiaemfoco/article/view/133>. Acesso em: 15 ago. 2025.

NUNES, Benedito. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

OITICICA, Hélio. Esquema Geral da Nova Objetividade [1967]. In: FERREIRA, G.; COTRIM, C. (org.). **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006, p. 154-168.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1976.

STADEN, Staden. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.